

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae suae priorae extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*A Voz da Igreja*—*Carta de Sua Santidade o Papa Leão XIII ao Cardeal Marianno Rampolla.*—Secção Religiosa: *A União Catholica*—*A Voz da Igreja através os labios de S. Ex.ª Rev.ªª o Sur. Bispo do Funchal*—*A Devoção ao SS. Coração de Jesus*; *A Religião natural e a Religião Christã IV*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Scientifica: *Racionalidade da Religião e do Culto*, I, por D. N.—Secção Critica: *Carta da Madeira*, por um constante leitor; *Coisas! Coisas!* por um leitor do gazetas; *Perante a razão*, por Alves d'Almeida.—Secção Litteraria: *Tempestade*, poesia, por M. F.—Secção Illustrada: I *O decano dos sabios francezes e fervoroso catholico*, Mr. Chevreul; II *Os gosos mais puros de uma mãe christã*, por R.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.



MR. CHEVREUL, DECANO DOS SABIOS FRANCEZES E FERVOROSO CATHOLICO

GUIMARÃES 30 DE AGOSTO DE 1887

A VOZ DA EGREJA

Carta de Sua Santidade o Papa Leão XIII
ao Cardeal Marianno Rampolla,
seu secretario

Senhor Cardeal.

OMQUANTO os designios que Nos guiam no governo da Igreja universal vos sejam sufficientemente conhecidos, julgamos opportuno resumil-os brevemente e melhor os indicar a vós que, em razão do novo cargo a que a Nossa confiança vos chamou, deveis prestar-Nos de mais perto o vosso concurso, e desenvolver a vossa acção em conformidade com o Nosso pensamento.

Em meio das gravissimas preocupações que Nos tem dado e Nos dá sempre o peso formidavel do governo da Igreja, a persuasão, profundamente enraizada no Nosso espirito, da grande virtude de que são enriquecidos a Igreja e o Pontificado, não sómente para salvação eterna das almas, que é o fim verdadeiro e proprio d'elles, mas tambem para a salvação de toda a sociedade humana, muito bem servido para Nos reconfortar.

Desde o principio, Nós nos propozemos trabalhar constantemente em reparar os damnos feitos à Igreja pela revolução e pela impiedade, e, ao mesmo tempo, fazer sentir a toda a familia humana, que d'ella tem extrema necessidade, o apoio superior d'esta virtude divina. E como os inimigos se industriam desde muito tempo em arrebatá, por todos os meios, toda a influencia social à Igreja e em afastar-lhe povos e governos, esforçando-se, por todos os artificios, para perante elles a tornarem suspeita e a fazerem passar por inimiga, Nós, pela Nossa parte, temol-a sempre feito ver tal qual realmente é, como a melhor amiga e beneficiadora dos principes e dos povos, e temos-Nos exforçado em reconcilia-las com ella, renovando e reatando mais estreitamente as relações amigaveis entre a Santa Sé e as diversas nações, e restabelecendo por toda a parte a paz religiosa.

Tudo Nos aconselha, Senhor Cardeal, a permanecer constantemente n'este caminho; e desnecessario é assignalar aqui particularmente os motivos. Indicaremos sómente a necessidade externa que a sociedade tem de voltar aos verdadeiros principios d'ordem, tão imprudentemente abandonados e negligenciados. Por causa d'este abandono, rompeu-se entre os povos e os soberanos e entre as diversas classes sociaes essa harmonia pacifica em que reside a tran-

quillidade e o bem estar publico; o sentimento religioso e o freio do dever enfraqueceram-se; d'aqui, o espirito de licença e de revolta, que vae até à anarchia e à destruição da propria cohabitação social, e sahiu vigoroso e se espalhou largamente. O mal cresce desmesuradamente e preoccupa seriamente muitos homens de governo, que buscam por todo o modo deter a sociedade à borda do precipicio e fazel-a voltar ao bom caminho.

E bom é isto; pois é necessario com todas as forças oppôr diques a uma torrente que tem accumulado tantas ruinas. Mas a salvação não virá sem a Igreja; sem a sua influencia salutar, que sabe dirigir com segurança os espiritos para a verdade, e formar as almas na virtude e no sacrificio, nem a severidade das leis, nem os rigores da justiça humana, nem a força armada bastarão para conjurar o perigo actual, e muito menos para collocar novamente a sociedade nos seus fundamentos naturaes e inabalaveis.

Persuadido d'esta verdade, cremos que a Nossa tarefa consiste em continuar esta obra de salvação, quer propagando as santas doutrinas do Evangelho, quer reconciliando todos os espiritos com a Igreja e com o Papado, quer procurando a este e àquella uma liberdade maior, a fim de os pôr em estado de desempenharem, com fructos abundantes, a sua missão benefica no mundo.

Aprouve-Nos, Senhor Cardeal, associar-vos n'esta obra, esperando muito da vossa experiencia dos negocios, da vossa actividade e da vossa provada dedicação à Santa Sé, e da vossa adhesão à Nossa pessoa. Para a consecução d'este nobilissimo fim, vós querereis, de concerto comNosco, dispor por toda a parte a acção da Santa Sé, applicando-a todavia às diferentes nações, segundo as necessidades e as condições especiaes de cada uma.

Na Austria-Hungria, a piedade insigne do augusto imperador e rei apostolico e a sua dedicação à Santa Sé, dedicação em que os outros membros da illustre e real familia se encontram com elle, fazem com que existam as melhores relações entre a Santa Sé e aquelle imperio. Graças a elles e à intelligencia dos homens que possuem a confiança do seu augusto soberano, será possivel favorecer na Austria-Hungria os interesses religiosos, afastar-lhe os obstaculos, e regular de pleno accordo as difficuldades que possam apresentar-se. D'alli, o Nosso pensamento volta-se com um interesse especial para a França, nação nobre e generosa, fecunda em obras e em instituições catholicas, sempre cara aos pontifices, que a hão olhado como a filha primogenita da

Igreja. Como prova, Nós sabemos a dedicação que professam pela Sé Apostolica seus filhos, dos quaes havemos tido mais d'uma vez motivos da mais intima consolação. Este mesmo sentimento d'affecto especial que por ella temos, Nos faz experimentar uma amargura mais viva em vista de tudo o que alli succede em detrimento da religião e da Igreja.

Fazemos os votos mais ardentes, a fim de que o mal se detenha, e, tendo cessado as desconfianças, que a desejada harmonia possa sempre reinar entre a Santa Sé e a França, na observancia, segundo a letra e o espirito, dos pactos solemnes estipulados.

Não temos menos a peito a Hespanha que pela sua fé inquebrantavel, mereceu o titulo glorioso de nação catholica, e que da sua fé lhe advem sua grandeza. Vós, Senhor Cardeal, lhe haveis conhecido de perto a importancia, bem como as necessidades particulares, entre as quaes a primeira é a da união entre catholicos na defeza generosa e desinteressada da religião, na dedicação sincera à Santa Sé, na caridade reciproca, para que se não deixem arrastar nem por interesses pessoais nem pelo espirito de partido.

As relações intimas que esta nação fiel e generosa tem comNosco, a piedade da viuva rainha regente e a sua obediencia filial ao Vigario de Jesus Christo, Nos dá a certeza que a Nossa sollicitude paternal pelos interesses catholicos e pela prosperidade d'este reino será effcazmente favorecida e secundada.

Os estreitos laços d'origem, de lingua e de religião, assim como a firmeza igual à fé dos antepassados, que unem as populações da America do Sul à população hespanhola, Nos levam a não as separar nos cuidados particulares que teremos a dedicar d'um modo igual para sua vantagem commum.

Não podemos passar em silencio a nação portugueza, que tanto tem contribuido para a propagação da fé catholica nos paizes distantes e que está estreitamente unida à Santa Sé por laços reciprocos d'obediencia dedicada por uma parte, e de reciprocidade paterna por outra. Podémos recentemente regular com ella, de commum accordo e com reciproca satisfação, a gravissima pendencia relativa ao padroado das Indias Orientaes: esperamos tambem encontrar no futuro entre aquelles que rogem os seus destinos as mesmas disposições favoraveis, que Nos permitam dar um augmento cada vez maior à religião catholica n'este reino e nas suas colonias.

A estas nações catholicas associamos tambem Nós a Belgica, onde o sentimento religioso é sempre tão vivo e tão

activo, e na qual, graças á especialissima sympathia que Nós alimentamos por ella, quizeramos que a benéfica acção da Igreja se espalhasse sempre mais largamente na vida publica e privada.

E' necessario, além d'isso, continuar na Prussia a obra da pacificação religiosa, para que ella seja levada ao seu termo. O bem consideravel que até agora se obteve, o espirito bem disposto de S. M. o imperador e a boa vontade de que Nós vemos sempre animados aquelles que alli conservam em suas mãos o governo das coisas, faz-Nos ter esperanza na utilidade de Nossos cuidados, para melhorar ainda mais as condições da Igreja Catholica n'este reino, e satisfazer assim os justos desejos d'essas populações catholicas, tão benemeritas da religião pela sua firmeza e constancia. E queremos estender egualmente os mesmos cuidados aos diferentes Estados da Allemanha, afim de que as leis, que não deixam á Igreja a liberdade necessaria ao exercicio do seu poder espirital, sejam postas de parte ou modificadas. Praza ao Ceu que todos se decidam a entrar n'este caminho! Mas Nós fazemos um voto particular pelo reino catholico da Baviera, com o qual a Santa Sé tem laços espirituaes, e onde ardentemente desejamos que a religião gose d'uma vida cada vez mais prospera e mais fecunda.

Felizes seriamos, se Nós podessemos do mesmo modo fazer penetrar nos outros Estados não catholicos as boas e salutaes influencias da Igreja e prestar alli o Nosso concurso á causa da ordem, da paz e do bem-estar publico: especialmente onde ha, como nas vastas possessões de Inglaterra, subditos catholicos em grande numero, aos quaes Nós devemos d'officio toda a solitudine do Apostolado supremo; e onde, como nas paragens da Russia, as condições dilliceis em que se encontra a Igreja e os subditos catholicos, tornam os Nossos cuidados mais necessarios e mais opportunos. E, como o poder de que Nós estamos investido, abraça por sua natureza todos os tempos e todos os logares, é Nosso dever cuidar do augmento da religião onde ella já está largamente estabelecida, como nos Estados da America; favorecer as missões nos paizes tambem barbaros e infieis. Pertence egualmente á Nossa solitudine chamar á unidade os povos que infelizmente se separaram de ella. Entre estes, desejamos d'um modo especial chamar a Nós os do Oriente, tão fecundos durante algum tempo em obras de fé e em obras tão gloriosas; e, primeiro que todos, os povos da Grecia, aos quaes, a exemplo de muitos de Nossos Predecessores, ardentemente desejamos

vêr attrahidos ao centro da unidade catholica e resuscitar para o antigo esplendor.

Mas ha um outro ponto que reclama constantemente a Nossa attenção, e que é para nós e para a Nossa auctoridade Apostolica do mais elevado interesse; fallamos da Nossa condição actual em Roma, por causa do funesto dissentimento entre a Italia, tal como ella ao presente está officialmente constituida, e o Pontificado Romano. N'uma tão grave materia, queremos abrir-vos mais plenamente o Nosso pensamento.

(Continua)

SECÇÃO RELIGIOSA

A União Catholica

A Voz da Igreja atravez os labios de S. Ex.^a R.^{ma} o Sr. Bispo do Funchal

A DEVOÇÃO AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

(Conclusão do n.º anterior)



Á vos fizemos escutar sua palavra ao abrimos esta nossa carta Pastoral; agora queremos tambem fechar com outras palavras suas não menos eloquentes e carinhosas.

«Quando a divina providencia Nos collocou sobre a cadeira de S. Pedro, diz Leão XIII, não podiamos deixar de promover na Igreja Universal a devoção verdadeira ao divino Coração de Jesus. E agora desejamos com todo o ardor de nossa alma que esta devoção se propague por toda a terra; pois, sabendo quanto ella é proveitosa e salutar ás almas, temos a doce e firme esperanza de vermos grandes bens dimanar do Sagrado Coração de Jesus, para serem o remedio effizaz dos males que affligem o mundo... O Coração de Jesus é modelo perfeitissimo das mais sublimes virtudes, é fonte inexaurivel dos mais ricos thesouros do ceu. Todos n'elle acham a paz do coração, o allivio em suas penas, a benção em suas emprezas, um doce refugio no decurso da vida, e mormente na hora da morte. Assim nol-o diz, assim nol-o declara a heroína do Sagrado Coração de Jesus, a Bemaventurada Margarida-Maria Alaçoque.

«Cresce ainda em Nós a confiança considerando que a manifestação d'esta devoção tem sido um novo e piedoso penhor da Caridade de Jesus, que por este meio quiz chamar a si o mundo perdido no erro, a fim de reconciliar-o

com Deus e regenerar o, alimentando-o com os abundantes fructos da Redempção.

«Desenvolvi, pois, filhos carissimos, conclue o amoroso Pontifice, vosso zelo ardente e caritativo para que todos os homens se consagrem a esse divino Coração, o amem, o imitem e assim compensem as offensas que recebe dos ingratos. Zelae para que todos unam suas orações, suas intenções, seus affectos aos intentos e sentimentos d'aquelle Coração, cuja sanctidade, rectidão e effizacia sanctificarão os que a elle se unirem (1).

E o que recommendava com tamanho empenho o Santo Padre aos peregrinos que o escutavam, pedimos tambem nós aos nossos amados diocesanos e de um modo especialissimo a todos os sacerdotes.

Nem um só pode ser indifferente á voz do Vigario de Christo e menos ainda quando ella se faz ouvir pela do seu representante n'esta diocese. Se ouvindo os ministros de Jesus o ouvimos a elle proprio: *Qui vos audit me audit*; tambem se desprezarmos essa voz é como se a Jesus desprezassemos: *Qui vos spernit, me spernit*; (2) e o desprezo do Mestre divino, e a indifferença pelos seus sacrificios, e a frieza para com seu ardente amor são exactamente o que esse Coração Amante mais sente, o de que elle mais se magoa e queixa.

Por caridade, irmãos, não queiraes ser reus de tão enorme e repugnante ingratitude. Se em todos os annos, e pode dizer-se que em todas as occasiões opportunas e importunas, vos fallamos no altissimo ministerio que nos incumbe, jámais pediriamos com maior encarecimento o zelo das almas do que n'esta hora e por motivo d'esta bella e admiravel devoção, que é a rainha e mãe de todas, onde todas vão procurar sua origem, d'onde tiram sua seiva, suas forças, seu ardor, sua vitalidade. O vosso zelo, o vosso ardor, a vossa caridade tambem não podem alimentar-se senão no centro d'esse amabilissimo Coração d'onde se irradiam as chammas do amor divino.

Que todos possamos refugiar-nos ali durante a vida para depois lá descansar por toda a eternidade.

Esta carta Pastoral, depois de impressa, será enviada ao Rev.^{mo} Cabido, aos Revd.^{os} Parochos, Confessores e Capellães, para ser lida á hora da missa nos domingos da proxima quaresma, e tam-

(1) Allocução de 23 de Novembro de 1879.

(2) Luc, X, 16.

bem por occasião das novenas respectivas do S. Coração.

Dada n'esta residencia da Penha de França, sob nosso signal e sello, aos 4 de Fevereiro de 1887, 10.º anniversario de nossa sagração episcopal.

L. ✕ S.

Manoel, Bispo do Funchal.

A Religião Natural e a Religião christã

IV

COM relação ao assumpto de que nos temos occupado, sobre a chamada religião natural que os incredulos julgam sufficiente, não querendo admittir alguma religião revelada, cumpre explicar o sentido da palavra *religião* em geral.

Segundo a etymologia do termo, religião é o vinculo que une o homem a Deus. Deriva-se da palavra latina *religare*. Assim Santo Agostinho com Lactancio Firmiano, a quem seguem communmente todos os auctores.

Por outras palavras pôde dizer-se que a religião é a sociedade do homem com Deus, ou o conjuncto das relações entre o homem e Deus.

Assim, a ideia que fazemos de Deus; a moral que se deriva d'essa ideia; os deveres que ella obriga a cumprir; o culto e as ceremonias estabelecidas para honrar a Divindade: eis o que em summa constitue o que se chama religião. Em todos os povos do mundo sempre se considerou a religião como a sociedade do homem com Deus. Esta sociedade tem por base as relações naturaes e sobrenaturaes entre a creatura racional e o Creador.

Estas relações e a união sublime que d'aqui resulta, existiram desde o primeiro instante da creação do homem, porque o homem foi creado em estado de graça e justiça sobrenatural.

Pelo peccado original rompeu-se esta união; mas o Filho de Deus offereceu-se para a restaurar, subtrahindo o homem aos castigos devidos ao seu crime e restituindo-lhe os bens que perdera.

D'este modo se restabeleceu a antiga alliança; houve uma segunda união, um vinculo novo. E' o que significa a palavra *religião*.

Dadas estas explicações, necessarias sobre tudo em nossos dias em que muitas pessoas não formem ideia do que é religião, é facil concluir-se que esta sociedade tem por auctor o proprio Deus, e por conseguinte toda a religião é revelada, e não pôde deixar de o ser.

A que fica, pois, reduzida a chamada religião natural? Dir-se-ha que é o culto que a rasão, pelas suas proprias luzes, nos dicta que devemos dar a Deus? E' um absurdo suppôr que o homem podesse organizar, pela sua rasão, um culto agradavel a Deus.

Só Deus é que pôde prescrever a maneira de ser honrado e venerado; e uma vez que elle instrua os homens a tal respeito, todos são obrigados a conformar-se com a sua lei.

Ora é certo que, em seguida á creação, Deus instruiu o primeiro homem sobre o que devia crer e praticar, e lhe ordenou que transmittisse a seus filhos esta religião. E nós a vemos depois observada pelos patriarchas, de geração em geração.

Todo o culto religioso, em opposição ao determinado pelo Creador, e que foi observado pelos filhos de Adão e pelos patriarchas, é falso, supersticioso e abusivo, não sendo outra coisa que uma delurpação da verdadeira religião que Deus ensinou ao homem na origem do mundo.

Em consequencia d'isto, é evidente que a religião verdadeira é uma só, e data da origem do mundo, sendo revelada por Deus aos nossos primeiros paes.

O nome de religião natural apenas exprime uma epocha; quer dizer a religião primitiva, a sociedade do primeiro homem com Deus, que durou no tempo dos patriarchas.

A religião é sempre a mesma; mas teve continuos desenvolvimentos: mais simples no tempo dos patriarchas, mais desenvolvida no de Moysés, e completa pelo Evangelho. E assim religião natural, religião moysaica e religião christã são uma e a mesma religião, bem como o sol que é sempre o mesmo, tanto de manhã, como ao meio dia, como à tarde.

Ouçamos o que diz Bossuet:

«A religião sempre foi a mesma. Colocado entre os dous testamentos, foi Jesus Christo o centro d'um e d'outro: *Jesus Christo era hontem, é hoje, e o mesmo tambem será pelos seculos dos seculos*, como diz o Apostolo S. Paulo.

A religião, de que Jesus Christo é o grande objecto, primeiro existiu sob a lei, depois no Evangelho, e subsistirá por toda a eternidade, quando Jesus Christo, reunido a seus eleitos, subjugará todas as cousas a seu Pae, e com elle será louvado, adorado e glorificado, para todo sempre. Assim é por Jesus Christo e para Jesus Christo que todos os seculos foram feitos: os da lei antiga, para prepararem os da lei da graça; e estes, para se irem perder na eternidade da gloria.»

D'aqui resulta que a religião christã, que professamos, é a mesma de Adão

e dos patriarchas e prophetas; os seus dogmas foram na antiga Escripura figurados e predictos; desde o principio do mundo era esperado o Redemptor que era o centro de todas as cousas. Os crentes deviam crer em Jesus Christo promettido, como hoje os christãos creem em Jesus Christo vindo.

Assim o christianismo comprehende a revelação primitiva, a revelação moysaica e a revelação evangelica, e estas tres revelações correspondem ás diferentes edades do genero humano. Em todos os tempos Jesus Christo tem sido a unica esperanza dos homens.

E', portanto, certissimo que a religião natural não se distingue da religião revelada, pois é a mesma religião, ou a sociedade do homem com Deus, o de que só Deus foi o auctor.

Em vista d'estes principios inconteste parece inadmissivel a divisão que muitos auctores catholicos fazem da religião em natural e revelada, como já nos fins do seculo passado notou Pedro Maria Garraniga, sabio theologo allemão.

Diz elle na sua *Theologia Dogmatica*:

«A religião é uma só, e toda é revelada; primeiramente foi propagada pela tradição, e depois por escripta. Comtudo pelo que diz respeito á cousa em si mesma, com esta divisão só quer significar-se que ha na religião certas verdades que se chamam *naturaes*, porque não excedem as forças naturaes da razão humana; ha outras que se denominam *sobrenaturaes* ou *reveladas*, porque só podem conhecer-se pela revelação, como os mysterios da fé e muitos preceitos positivos de Deus.»

Outros auctores explicam de diverso modo o sentido da palavra *religião natural*, dizendo que é a religião primitiva que Deus prescreveu a Adão e aos patriarchas, seus descendentes, pois que era muito conforme á natureza de Deus e á natureza do homem, nas circumstancias em que se achava a humanidade d'esses tempos. Mas não deixava de ser sobrenatural, porque era revelada, e sem esta revelação nunca os homens seriam capazes de inventar a religião.

E' assim que hoje communmente os mais insignes apologistas da religião catholica tratam este importantissimo assumpto.

Seja, porém, como fôr, em todo o caso, é erronea a doutrina dos incredulos acerca da religião natural, excluindo a revelação.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Racionalidade da Religião e do Culto

I

PANÇANDO um volver d'olhos sobre o estado religioso actual da sociedade, ninguém, que se preze de verdadeiro filho do christianismo, deixará do sentir arripiar-se-lhe o coração á vista do vórtice destruidor da descrença, que em seu pernicioso redemoinhar muitas vezes assola e esterilisa até campos d'antes ridentes e ferazes. Com effeito, a propaganda que com diabolico phrezezi a impiedade alastra por toda a parte, adulando o que de mais rasteiro o homem tem em seu sentir, o apelleite, que tende a avergal-o para a terra ainda quando algum esforço é empregado por elle em sentido contrario, e concedendo o que por mais evidente, se impõe irresistivelmente a todas, facilmente consegue, junctamente com applauso dos já corrompidos, a adhesão a principio frouxa, depois mais energica, de homens desprevenidos, que, fascinados pelo postigo brilho de taes doutrinas, não raro se transviam e precipitam.

Assim, um dos meios mais tenazmente empregados pelos satellites da irreligião, é (como se verifica cada dia): confessando por um lado, sim, a existencia de Deus, inculcaram por outro, que este ente supremo não se importa com o homem, que não lhe exige preitos nem adoração: ou, se se importa com elle, que só vê o coração; que d'este modo, não se precisa de templos, d'altares, nem de sacerdocio, bastando que o homem na sua admiração pelo infinito, se eleve a Deus. Em uma palavra, dizem, póde prescindir-se inteiramente do culto externo, o homem sem elle consegue a salvação, e não tem necessidade de cumprir as prescripções de qualquer religião; ficando, por consequencia, livre em satisfazer ás paixões ainda as mais ignobeis.

Tal é o ensinamento deleterio que reçuma das vaias e insultos feitos a cada passo á Religião do Crucificado; tal é o termo a que conduzem as leituras corrosivas e demolidoras, em que se ridicularisam as funções mais sanctas, se zomba dos ministros do altar, e se concita contra elles o desprezo ou o odio, se é possível, da populaça. Homens que isto fomentam, são, fora de toda a duvida, inimigos encarnigados da Religião e de Deus; mas quizera eu provar que elles são não menos inimigos da rasão, incoherentes e contradictorios consigo mesmos, d'onde não mereceriam mais do que a importancia que se dá aos loucos ou nescios.

Mas infelizmente o mal estende-se alem d'elles, como veneno pestifero que é; d'este modo, preciso se torna oppôrmo-nos, em defeza da boa causa, e mostrarmos quanto taes seguidores da *rasão pura*, como elles dizem ser, estão longe d'ella; é o que me proponho tractar.

* * *

A Religião, obra prima da sabedoria por essencia, não póde deixar de ser perfectissima em todas as suas partes: como a Egreja, expressamente instituida por Deus para a conservar atravez dos tempos e todas as vicissitudes mundanas, sempre inalteravel, sempre pura, sempre brilhante pela verdade do dogma e edificante pela pureza dos costumes, ha de conter, e de feito contem, em si os elementos mais adaptados á consecução de seu nobre fim, que é, como o da Religião, a salvação do homem.

Mas o homem é composto de alma e corpo: a lueta que instantemente em nós sentimos verillar-se entre os dictames d'uma faculdade superior, e os estímulos, que reconhecemos partirem d'uma materia rebelde, bastaria por si para nos convencer d'esta verdade, se não houvesse, por outra parte, milhares de provas a attestal-a. A alma, desde logo, se nos apresenta, como a parte mais nobre do homem, como sendo o distinctivo, a verdadeira pedra de toque, o homem todo, emfim, porque o corpo não é nem deve ser mais do que escravo submisso d'ella.

Sendo assim, á alma se devia dirigir ou applicar directamente a Religião, e se o homem estava decahido, era pela alma que devia ser levantado.

Effectivamente, causa dóce admiração estudar o sublime machinismo da divina obra de Jesus e ver o que lá a este respeito se encontra: ahí se descobre remedio salutar e efficaç á elevação de cada uma das faculdades da alma humana, ahí se patenteia a providencia de Deus, que, dando ao homem estas fórmas essenciaes e irreductiveis da sua actividade como meios conductentes a fins que lhes assignou, ao mesmo tempo o não abandonou, assistindo-lhe a cada momento e auxiliando-o constantemente no procelloso péllago das contradicções.

Verdade, bem, felicidade, eis os tres alvos que incessantemente se antolham ao homem, eis o triplice iman que o attrahe e o domina.

Mas, se perscrutarmos as forças de que *per si* dispõe o homem, em breve reconheceremos que o erro o illude a cada passo, que aquelles tres luminares se torvam completamente e se transformam *realmente* na sua antithese—erro, mal, infelicidade.

Bem cheia de penuria é, então, a condição do homem—aspira ao bem: o que realisa não é mais do que o bem ficticio; julga e quer caminhar para a verdade: o que consegue é a verdade empanada ou a negação da verdade; gravita para a felicidade, que está na posse do bem; tendo-se enganado na escolha d'este, só tem a posse do bem apparente, que, para logo se manifesta, mal—a infelicidade.

No entanto, a Religião, cujo principio vemos no Eden, e que, passando pelos antigos patriarchas, prophetas, legitima synagoga, e conservando-se para sempre na Egreja, permanece a mesma, sem embargo das alternativas do homem e das cousas, soube ministrar a este tudo que lhe faltava; e ella o eleva *verdadeira, realmente*.

Para satisfazer aos vãos da intelligencia, dá-lhe a conhecer a verdade, toda a verdade, o proprio Deus, tanto quanto é humanamente possível tal conhecimento; propõe-lhe dogmas admiraveis, que encantam pela magnifcente sublimidade, e que induzem á admiração da grandeza divina, obrigando a intelligencia ao emprego de esforço não para penetrar, o que é impossivel, mas para encarar o seu *como* em plenitude de luzes e harmonia de relações; dá ao homem ideia de sua pequenez, e inspira-lhe a humildade, como virtude condizente com sua limitação.

A vontade propõe o bem, mas o bem *real, absoluto*, que só se encontra em Deus, o que não dura por momentos, mas subsiste independentemente das disposições do agente e das circumstancias que se deem; dá regras para alcançal-o, offerece-lhe, infallivelmente segundo ellas, a posse d'elle, e por consequencia—a felicidade.

Finalmente, a sensibilidade não fica chorando por alimento e efficaç auxilio; ella tambem é, e grandemente, interessada na economia da Religião.

Que cousa mais bella e commovedora do que o culto catholico? Não nos achamos nós vivamente tocados ante elle? não sentimos um não sei quê de ineffavel e consolador nas edificantes ceremonias, de que a Egreja o reveste? não nos parece que Deus falla, então, ao coração, que a voz d'este se faz ouvir ao entendimento, e que a vontade se inclina naturalmente a seguir o que dicta o timbre d'essa voz?

Assim, o espirito humano todo participa das bellezas do culto, o homem todo se sente elevado acima de si mesmo; contemplando-o, affigura-se-lhe vêr Deus, e, quanto é sublime! o proprio Deus descer a seu consocio e o filho de Adão, até elle, subir!

Mas homens que reduzem Deus á propria natureza, cahindo no absurdo de considerarem *causa* o que é ao mes-

mo tempo *effeito*, á força de olharem só para as cousas pequeninas do mundo, tornaram-se myopes: já não pôdem apreciar estes transcendentales encantos.

Porém, admittida esta impossibilidade, não acceito, nem elles admittem, que estejam privados do exercicio da razão; elles proprios fazem alarde de seguirem os principios racionaes e só os principios racionaes, e de nada se lhes impôr senão em seu nome. Comtudo, a despeito de taes balôfas affirmativas, ousarei dizer d'esses theistas:— Laboram em falsidade, não seguem á risca os principios racionaes, porque, uma vez admittidos estes, são forçosas todas as suas naturaes consequencias, impõem-se estas como os mesmos principios se impõem; mas os impios deisttas, acceitando uma cousa, regeitam outra, como é facil mostrar, por consequencia estão em contradicção; e consigo mesmo, visto que affirmam sempre a existencia de Deus sem adoptarem as illações necessarias que d'ahi redundam: admittem Deus e refusam religião, ou chegam a admittir religião refutando culto!


Continua.

D. N.

SECÇÃO CRITICA

Carta da Madeira

Snr. Redactor.

 NDO ha muito com desejos de dar a V. para o seu bom jornal, o querido *Progresso Catholico*, cuja leitura faz as delicias de tanta gente, umas noticias d'esta formosa perola do oceano, cujas bellezas são apreciadas por nacionaes e estrangeiros e que realmente é bem digna de ser vista e conhecida.

Mas certamente V. não quer o seu jornal pejado com descripções poeticas do nosso clima, das nossas montanhas, dos valles, das cascatas, do arvoredos, dos campos, das praias. Tudo isto é muito bonito e interessante para os *touristes*, para os ociosos, para os mundanos, mas o que o seu periodico deseja é encher suas columnas de coisas mais uteis, d'estas principalmente que respeitam á religião, ao bem das almas, aos interesses superiores da vida, á eternidade. Ora, pois, supposto isto eu vou dizer-lhe duas coisas d'essas.

A mais importante é que temos cá na ilha dois padres missionarios que vieram de Braga a convite do nosso zeloso e incansavel Prelado. Hospedaram-se no Palacio episcopal e de lá começaram sua missão na igreja do Collegio, que fica mesmo atraz do palacio. Um chama-se

Oliveira e o outro Borges, este ainda rapaz, aquelle já dos seus 60 annos, pouco mais ou menos. O primeiro é um excellente prégador popular, mesmo um verdadeiro missionario, e talvez por isso mesmo não agradou á classe mais illustrada, ou que tal se considera, sendo não raro bem ignorante em materias religiosas; o segundo, esse é um orador de remontada eloquencia, revestindo seus altos pensamentos d'uma linguagem tão florida e adornada que arrebatava ainda os mais exigentes. Foi por isso grande a concorrência da alta sociedade madeirense a ouvir-o e admirar-o. Correram á igreja, attrahidos pela fama que voou rapida apregoando maravilhas, muitos typos que não são apaixonados das coisas religiosas e nem um só deixou de curvar a cabeça diante do novel, mas valente orador. Foi um verdadeiro triumpho da eloquencia, pois se não ficaram convencidos, ao menos não se atravessaram a contestar as grandes verdades alli proclamadas. Foram tratados assumptos importantes, taes como indifferentismo, materialismo, racionalismo, socialismo, etc., etc. O animo por isso d'alguns pobres indifferentistas, que para ahi vivem á maneira de animaes, devia ficar abalado.

Tenha Deus posto a virtude n'aquellas conferencias e acabe a obra chamando á fé esses incredulos e impios.

O padre Oliveira foi o encanto das almas piedosas, que todas se consolaram ouvindo suas singelas praticas e depois suas sanctas admoestações no tribunal da penitencia. Aqui é que se descobre o saboroso fructo da missão; no confessionario é que se purificam as consciencias e se dispõe a emenda da vida e a practica da virtude. Sendo, pois, de grande influencia as altiloquas conferencias do padre Borges, é crível, é certo que devem ter sido de muito maior vantagem, de effeito real os trabalhos humides do padre Oliveira.

As gazetas da terra foram decentes, á excepção de uma que botou logo asneira como sendo o producto mais natural d'aquella planta exotica, e ainda d'outra que teimou na mudez mais completa só para não dar a mão á palmatória. Agastou-se apenas soube que havia missionarios na terra, e depois embuchou, sabendo que não podia dizer mal sem perder terreno; ainda assim deu sua ferroadada logo que ponde.

Sairam d'aqui para as parochias ruraes, começando em Camara de Lobos, onde fizeram prodigios. Caiu logo na igreja a freguezia toda e foi um movimento continuado por uns poucos dias em que se não fez, se não pensou n'outra coisa, sermões, praticas e confissões. Fizeram-se duas esplendidas communhões geraes, uma primeira de creanças, quasi de 200, e outra no ultimo

dia, de adultos talvez superior a mil! Foi uma belleza, e dizem velhos e novos, cheios de entusiasmo e sancta alegria, que nunca na sua igreja se viu uma coisa assim, nem talvez se torne a vêr.

Eis ahi o que é verdadeiramente bello e do maior proveito para os povos. Que graças não devemos a quem nos prepara estas occasiões de melhorar nossa vida, nossos costumes; de acabar com os odios e escandalosas uniões e torpezas, de restituir o alheio, de nos voltarmos para Deus!... Graças mil sejam dadas ao nosso zeloso e amantissimo Prelado que nunca se cança de trabalhar para o bem dos seus filhos espirituales, do seu amado rebanho. Em todos os annos nos envia missões, nos dá exercicios espirituales, nos faz visitas pastoraes, nos dá o sancto chrisma, nos ministra o pão da divina palavra!.. Deus n'olo conserve e enche sempre de bênçãos e forças.

—Uma outra noticia que faz com esta um perfeito contraste é a da abertura de um novo theatro, aqui levantado á custa da Camara municipal. E' um edificio grandioso, vasto e elegante, mas já consumiu uns 100 contos de reis! Ha dias se abriu ao publico para mostrar o scenario, que vieram pintar uns artistas de Lisboa. As vistas são bellas, e os auctores foram mercidamente applaudidos. Mas para que servirá esta casa? Para passatempo dos ociosos, para demoralisação dos seus frequentadores, para ruina de muitas familias. Esta terra está pobre, atravessa uma crise medonha, tendo mortas as suas melhores culturas, a canna d'assucar e a vinha. São geraes os clamores, gritando os colonos que não podem pagar suas rendas e os senhorios que as não podem dispensar. Não poucos se tem visto na dura necessidade de levantarem dinheiro de emprestimo para o pão de cada dia e para as decimas; e é precisamente n'estas alturas que se vae abrir um theatro de luxo, feito pela Camara, á custa do povo!...

Quem pôde applaudir um tal procedimento? Nem o abona o juizo, nem a consciencia, digam quanto quizerem os fanaticos dos bastidores e das plateas.

—Mais outra e concluo que é já tempo. As obras de um novo porto d'abrigo vão caminhando com muita actividade. Estão já feitos muitos dos blocos que hão-de formar o grande paredão ou muro de defeza e no local em que serão assentes se estão lançando diariamente algumas toneladas de pedra solta. Nada diremos d'esta obra que a uns parece de grande vantagem, a outros completamente nulla. O futuro o dirá.

Madeira, 31 de julho de 1887.

Um seu constante leitor.

Coisas! Coisas!

BAE tendo ecco lá por fóra o triste espectáculo que os nossos padres-deputados teem dado no parlamento, e nós, exercendo o mister de leitor de gazetas, vamos recebendo todos os dias os tiros que de toda a parte são arremesados a este infeliz Portugal, a este velho cahido á sombra de tantos louros, e esbofetado a cada momento por filhos degenerados, elle que em tempos idos, ladeado pelo padre e pelo guerreiro desfraldava triumphantemente ao sol dos combates a bandeira gloriosa da Patria, que era tambem bandeira da Igreja.

Recebe mais este insulto o velho Portugal e córa, já que não coram os portuguezes Judas que te vendem. E' do nosso apreciavel collega brasileiro o *Thabor*, o que em seguida ofertamos aos leitores:

«No parlamento portuguez o snr. D. José Saldanha apresentou um projecto para a admissão das ordens religiosas nas provincias ultramarinas. Pois bem, havendo na camara varios sacerdotes (não menos de 5 ou 6) só um, um unico, votou a favor; os outros contra.

Eis a que estado de cadencia chegaram estes padres politicos!

Peores que Gambeta.

Este, ao menos, uma occasião deu aos jesuitas cento e cincoenta mil francos para as missões do Oriente, dizendo que os não queria ver na França; porem reconhecia os serviços que elles faziam fóra da França.

Estes padres portuguezes nem no Reino nem fóra d'elle os querem!

Naturalmente são padres de casaca e sem cabeção.»

São verdades tristes, mas verdades. Os nossos politicos, com as suas politicas até dos padres fizeram uma vergonha da Patria!

* * *

Mestre Joaquim, o do *Conimbricense*, custou-lhe muito deixar passar o discurso do snr. marquez de Rio Maior, de que nossos leitores teem já conhecimento. E custou-lhe porque isto de *liberaes* são homens de uma intransigencia, que toca as raias da patetice. Escutemos mestre Joaquim:

«Invoca o snr. marquez de Rio Maior a liberdade, aquella liberdade que todos os reaccionarios odeam de morte!»

E' boa! pois os reaccionarios (os catholicos, queria dizer mestre Quim) querem ampla liberdade, querem jesuitas, frades de todas as ordens, Irmãs de Caridade, em quanto que os *amigos* da liberdade, como Quinsinho e mais amigos, fazem guerra atroz aos institutos religiosos, insultam as pessoas

que frequentam a igreja, apedrejam os padres na praça publica, e teem a pedantesca ousadia, estes liberaes, estes mações, de dizer que os reaccionarios odeam de morte a liberdade! Pois que? contra que reagem os catholicos? D'onde lhes vem o nome de reaccionarios? Não é por elles, amantes da liberdade, guerrearem as idéas oppressoras, as leis iniquas, em nome das quaes se saqueiam os conventos, se põem na rua as virgens do Senhor, se reduzem á miseria os parochos, se despovoam as cathedraes e se arrasta para o pelourinho, onde se põe em almoeda o patrimonio da Igreja? Não é por isto que vós, sectarios da tyrannia, sacerdotes do mais feroz despotismo, nos chamaes reaccionarios?

Não é em nome da liberdade que nós reagimos contra a medonha prostituição que vós protegeis, e a quem daes uma existencia legal, enquanto trancaes as portas dos conventos de religiosas?

Quem odeia de morte a liberdade sois vós, coripheus de Satanaz, porque sois inimigos de luz, porque estaes costumados a viver nas trevas, nos antros onde decretaes o aniquilamento da sociedade, onde dictaes leis que legalizam o roubo com que engordaes, com que vos locupletaes, esquecidos de que todos os vossos mestres, todos os assassinos da Patria, como vós, tiveram um fim medonhamente sinistro.

Como estes palermas entendem a liberdade! Que, diga-se a verdade, mestre Joaquim não é homem que saiba o que é liberdade, porque á força de berrear—liberdade! liberdade! está entontecido e bom serviço fazia quem o obrigasse a tomar banhos de chuva a ver se aquelle craneo amollecia e lhe fazia entrar lá dentro do miolo um pouco de siso.

O' snr. Joaquim, tem idéa de alguma vez lhe nascer o dente do siso? A's vezes ha assim umas pequenas faltas em pequeno, que bem mal veem a fazer depois de velho. E tão mal fazem que o snr. Joaquim sempre que falla de jesuitas arranca-nos gargalhadas de acordar os Pombaes e os Aguiares. Tambem é favor...

* * *

Não ha muito que tivemos um prazer, uma alegria que nos fez bem, quando lemos n'esta Revista que se fizera em Guimarães um enterro digno a uma Irmã Hospitaleira, e que todas as Irmãs acompanharam ao cemiterio a sua companheira e amiga. Consolou-nos esta noticia, e agora uma outra igual, nos vem alegrar o coração de catholico e portuguez.

O valente athleta da causa catholica em Portugal, a *Nação* recebeu de um

compatricio nosso, que está em França uma carta, d'onde extrahiu o seguinte, que nós damos tambem aos nossos leitores, para que fiquem sabendo que a França, a França republicana, se não envergonha de ver nas suas ruas e praças o habito do frade, ainda mesmo contra as disposições dos Pombaes e Aguiares de lá.

Tomem nota snr. Quinsinho do «Conimbricense»:

«Juncto ao parque de Royal existe uma capella, e um convento de Franciscanos.

«Falleceu a Superiora, das Irmãs da Capella, e hoje foi o enterro. A's nove horas houve missa cantada de *requiem*, e lá fui.

«A capella estava cheia de gente, e fiquei espantado, eu, que estou pouco acostumado a estas cousas, quando vi sahir da sacristia os padres para a missa: eram tres Franciscanos, acolytados por outros dois, além de outros padres, que assistiam.

«Até aqui, era dentro da igreja, e ainda se podia suppôr uma tal ou qual tolerancia; mas, depois da missa e das absolvições, sahii o caixão, levado sempre pelas irmãs até á carruagem, e em frente vejo o capellão com os frades tomarem a frente do cortejo, e assim irem até ao cemiterio, acompanhados por toda ou quasi toda a gente, que assistiu á missa.

«Durante o trajecto, vi todos os homens tirarem o chapeo.

«Isto, em um paiz republicano, e que tem perseguido tanto as ordens religiosas, é para espantar, e a comparação com o nosso pobre Portugal, não é favoravel a este, infelizmente.»

As coisas vão-se preparando por todo esse mundo fóra, e cremos, que em breve o habito do religioso não ha de amedrontar os espantadiços fradivoros.

* * *

A final não sabe a gente como hade viver. O padre com especialidade, se se volta para Deus, se tem fitos no céu os olhos, apodam-no de beato, jesuita, impostor, e de mais nomes *feios*, que ninguém gosta de ouvir n'este lunatico seculo; se se roja aos pés dos grão-mestres, dos chefes de qualquer partido politico-revolucionario, rasgando a cada passo a batina sacerdotal, soffre decepções de tal forma pasmosas que queda extatico em meio caminho, e, ainda que as suas tendencias sejam para a geringonça, conversa com os seus bolões, e não sabe, francamente, o que hade fazer.

Terá, certamente, acontecido isto ao snr. padre Antonio Candido? Provamos que sim.

No passado numero demos a S. R.^{ma} uma *ferroada* ministrada ha annos pelo

notavel escriptor catholico padre Sena Freitas. Era suspeita a ferroada porque era reaccionaria; mas hoje vamos dar-lhe outra, offertada, não por um padre catholico, mas por uma folha que caminha na vanguarda do mais avançado republicanismo anti-catholico—*A Sentinella da Fronteira*.

E' bem feito. O snr. padre Antonio Candido, que se diz não quer ser ministro de Estado para não ter de vestir os habitos sacerdotaes em dias de palacianas festas, é apreciado pelos que de padres não gostam, da seguinte li-songeira forma:

«O padre Antonio Candido, occupando-se da dictadura progressista, declarou que o povo portuguez não tem caracter para gosar o regimen liberal.

Em primeiro lugar, nós desejamos saber o que entende o carola do progressismo por regimen liberal.

Consiste porventura o liberalismo em cercar todas as liberdades publicas, em praticar os mais inauditos escandalos, em sancionar as mais desafortadas ladroeiras?

E' regimen liberal aquelle que transforma o paiz n'um feudo do sr. conde de Burnay, ou do sr. marquez da Foz?

E' regimen liberal aquelle que faz as eleições d'uma forma vergonhosa, comprando consciencias e dispondo a força publica á beira da urna, para aterrar os eleitores?

E' regimen liberal aquelle que se caracteriza por dictaduras consecutivas?

E' regimen liberal aquelle que dispõe dos dinheiros publicos para ornar a egreja de S. Domingos e para comprar mastros e tigellinhas, com que se hão de adornar as ruas por occasião do casamento principesco?

E' regimen liberal aquelle que transforma os nossos tribunaes n'um vasto pinhal d'Azambuja, onde o individuo, innocente ou culpado, fica sem um ceitil?

E' regimen liberal aquelle que absolve Rocha Freitas e Marinho da Cruz, e condemna Antonio da Costa e Antonio Coelho?

E' regimen liberal aquelle que conserva nas prisões civis e militares, por mais d'um anno, individuos sem serem julgados?

E' regimen liberal aquelle que conserva preso, durante alguns mezes, um deputado, cujo unico crime consistiu em se desaffrontar d'uma affronta que lhe tinham feito?

E' regimen liberal, n'uma palavra, esse regimen de podridão e de lama, que para ahi se arrasta cambaleante, como o ebrio expulso da taberna?

Como o espirito dos homens do constitucionalismo é acanhado!

O povo portuguez não tem caracter

mas é para tolerar uma instituição tão depravada como a monarchia!

O povo portuguez não tem caracter mas é para aturar os saltimbancos politicos, os homens que teem levado este paiz á beira d'um abysmo insondavel.»

Não aceitamos no todo esta doutrina, e sómente fazemos a transcripção para mostrar que os inimigos dos padres catholicos, amigos do snr. Antonio Candido, lhe chamam *carola progressista*.

Foi só para isto que nos demos a este trabalho.

Um leitor de gazetas.

Perante a razão

MUITO se tem escripto ácerca dos imperterritos e sollicitos athletas de Satan de todos os gostos e cores, mas assumptos ha que, quanto mais sobre elles se diz, mais parece que fica por dizer; porque nada satisfaz plenamente ao espirito indagador do leitor curiozo... com relação ao fundamento d'uma descrença tenaz e peremptoria.

Que o cego atheu negue tudo, incluzivè a si mesmo... entende-se; mas que propale a sua descrença... não se comprehende.

Que o stulto deista negue quasi tudo, admittindo unica e exclusivamente a Deus, o que é o mesmo que negar tudo... entende-se; mas que faça alarde da sua descrença... não se comprehende.

O atheu é a aberta incredulidade ou a franca irreligião; o deista, a personificada stulticia ou a astuta hypocrizia. O atheu não illude o crente; o deista, pôde illudil-o.

O atheu tem ou parece ter o quer que seja de consequente na sua absoluta descrença; o deista, nem raça.

Que o cego atheu negue tudo, incluzivè a si mesmo... entende-se, porque uma tão satanica como soberba desobediencia o priva da admissão do Supremo Creador do Universo, premiador dos bons e castigador dos maus; mas que elle propale a sua descrença... não se comprehende, porque o não querer andar só na larga estrada do mal... não é razão, embora o cego, apesar de bem familiarizado com o crime... ás vezes se horrorize e trema só... ante o immenso pelago da sua descrença selvatica.

Que o stulto deista negue quasi tudo, admittindo unica e exclusivamente a Deus, o que é o mesmo que negar tudo... entende-se, porque uma astuta e refinada semrazão o priva da admissão dos efeitos d'uma Cauza que reconhe-

ce; mas que elle faça alarde da sua descrença... não se comprehende, porque o não querer andar só no caminho da clara incoherencia... não é razão, embora o stulto, apesar de bem familiarizado com a semrazão... ás vezes se amedronte e attonitize só... ao contemplar o farto oceano da sua inaudicta sandice.

Que, finalmente, o cego atheu negue em absoluto e o stulto deista em parte, attendendo ao *luminoso* seculo d'incredulos a que chegamos... mas por via da licença que da *raza* ignorancia, não é coiza que espante, embora indigne.

E não é coiza que espante porque, tanto um como outro, conjunctamente com a sua descrença total ou parcial, declara que é apenas um simples filho d'Adão.

Porém, o que sobre tudo indigna, infama e envilece... é o macaco!

Sempre mestre Darwin tem coizas!...

Depois do que ácerca d'este *aperfeiçoado* descendente d'um immundo quadrumano se tem dicto... é talvez magna stulticia o dizer-se mais alguma coiza a *serio* sobre o celebre naturalista. Mas se ainda abrimos bico ácerca do *grande* vulto... é porque se trata d'um materialista cuja ascendencia tanto exalça e honra.

Se se tractasse d'um *simples* atheu ou d'um *mevo* deista... vá; mas tractando-se d'um naturalista tão *natural*, perguntaremos ainda:

Porque será que o condigno neto do macaco o considerará seu ascendente?

Será por elle, effectivamente, ser o animal que mais se assemelha ao homem no vasto reino zoologico, apesar de quadrumano?

Talvez: mas se o é, grande é então a sua *natural* cegueira!

Que ha hi mais semelhante ao homem do que o *naturalista* nas tristes e abjectas condições de Darwin?

Nada. E comtudo, o *natural* naturalista, arroja-se a passar por cima da historia de todos os tempos, da historia das historias... dedignando-se além d'isso de pertencer, não só ao côro dos filhos d'Adão que reconhecem, amam e louvam o seu Creador, mas até ao mundo selvagem *civilizado* e por civilizar, do qual uma grande parte, porque mais nada sabe dizer, aponta para cima quando se lhe falla em Deus!

E em vista do exposto... R. M.

Temos visto que não é a apparente semelhança que existe entre a especie humana e a bugiana, que leva mestre Darwin a negar a historia e com ella a sua procedencia.

Mas que será?

Não ha effeito sem causa, diz toda a philosophia, ainda a mais *natural*.

O negocio é mais importante do que se pensa:

Mestre Darwiu reconhece *naturalmente* a corrupção do genero humano... e quer oppor-lhe a *moralidade* simiana... arvorando-se em seu interprete.

Não é pequena a empreza!
E, porque da bugiana historia não consta que nentum de seus avós fallasse... nem ao menos uma syllaba articulasse ou coiza que com isso se pa-

causa fosse esta. Mas não, ainda não é isto.

A coiza é seria.
Está-se-nos tornando impenetravel o scôpo do celebre macaquista!

Não é a semelhança do macaco ao homem, porque elle é o mais semelhante; não é a *moralidade* da especie bugiana que tanto o exalça e honra, porque elle é o mais immoral; não é a am-

raes como imaginarios, mas o seu *natural instincto* de bicho montez, que só propende para o mal, para a corrupção e para a desordem?...

N'estas circumstancias, Darwin, declara que o atheu é um insensato que não sabe cortar o *mal* pela *raiz*, porque pretende squivar-se à lei de seus avós deixando intacta a Historia indestructivel, e vem em seu auxilio ante-



AS MAIORES ALEGRIAS DE UMA MÃE CHRISTÃ

recesse, apesar dos esforços empregados... quer, depois d'imposta a sua condigna descoberta, encarregar-se de os fazer fallar... mettendo-lhe em seguida o na... naturalismo no corpo: isto é, a arte do naturalista do seu jaez.

Será isto? Não: ainda não.
Mas que será?
A ambição d'um dia vir a ser general in chefe ou imperador *absoluto* de toda a macacaria?...

Talvez: porque muito pôde a ambição de qualquer misero — Nada — sendo que

Por sete palmos de terra
Todo mundo nada em guerra!

Loucura extreme!
O mundo devera desculpal-o se a

bição das coisas terrestres, porque é loucura extreme que um naturalista tão *natural* deve desprezar, por que

Se hoje move serra a serra
Amanhan o sconde a terra...

Mas que será, finalmente?...
E' o crime? E' o horror de si mesmo!
Tão vil e tão torpe, tão sórdido e tão omnipotentemente indigno dos filhos d'Adão se vê, que de forma alguma quer pertencer à raça humana que, embora tenha prevaricado... jámais caiu na repugnantissima baixeza de dizer-se filha d'um pelludo e nojento macaco, porque n'elle achasse, como Darwin, não a sua semelhança inatingivel por impossiveis *aperfeiçoamentos* tão natu-

pondo a ascendencia d'um macaco á de Adão e Eva!

E' inacreditavel!...
E' nojento, é repugnante!

Arreda-te, inferno,
Que o crente quer crer
No Deus sempiterno
Que lhe hade valer!

Alves d'Almeida.



SECÇÃO LITTERARIA

TEMPESTADE

A S. M.

Mancebo, deixa o mar... Erguem-se brumas do negro seio d'esse abysmo fero!.. O austru açoita a vela, a onda é turva, insidia engendra o golpho; evita o Nero.

No quieto lago, o horror de accessa pugna succede á aragem fresca, ás doces calmas; do furacão regresso a furia ingente; quaes surdem as puixões nas puras almas!

A tempestade freme; fôgos cruzam em dura guerra os nimbus lá no espaço... Joven, amaina prestes, não te involva da vaga inal segura o imigo abraço.

Pharol outro não vês que a luz dos raios, lampejo a adensar mais a cerração... Mais certa é cada vez a atroz ruina no vertice do horrisono tufão.

Ai fogel é tempo ainda!.. A fauce enorme irado o monstro abriu p'ra te engulir? Ligeiro o leme vira; a angra é perto; firme no remo o braço... eia a partir!

Mas ah! Erguido em pé na movil concha, no labio o rir, a fronte o sul a olhar, cruza no peito os braços?... a procella suppões a um teu aconeo acorrentar?..

Coitado! A onda vem e eil-o sumido onde a tantos colhera amplo sepulchro... Ao tigre arremetten! mal finda a lucta, em nós, ha pranto e dor... no mar, um sulero!

Ai d'elle!.. Como tantos, n'este mundo, por deadenhar perigos, foneceu. É mocidade, vida, luz e gloria, roubou-lh'ns d'um só jacto o escaróo!..

M. F.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

Mr. Chevreul, decano dos sabios francezes e fervoroso catholico

Sabios! Quando se falla hoje em sabios parece que a essa palavra se liga logo a idéa de que esses sujeitos são atheus; mas não é assim, felizmente.

O retrato com que ornamos hoje a primeira pagina do presente n.º é do mais notavel sabio da França, que é, ao mesmo tempo, um perfeito catholico.

Faz amanhã um anno que Pariz celebrou o centenario d'este grande homem, que ha sessenta annos é membro do instituto de França. É um clinico celebre, pelos livros que tem escripto, pelos descobrimentos que tem feito, pelas cadeiras que tem regido, e sobre tudo por uma grande fé e humildade.

Conta *L'Univers* um facto que mos-

tra bem que Mr. Chevreul é um bom catholico. Um dia estando em Dourdan, perdeu o comboyo em que desejava partir, e como tivesse de esperar a passagem de outro, entrou na egreja e poz-se a rezar o rosario. E como advertisse que o parochio se admirava, lhe disse:—Snr. cura, admira-se V. de vêr n'esta hora um estrangeiro na egreja? Sou Chevreul, e tendo perdido o trem, pareceu-me que o melhor meio de empregar o tempo seria rezando o rosario. E como o cura lhe replicasse que bom era que todos os sabios o imitassem, concluiu:—Sim, todos os meus collegas do instituto são pessoas cheias de talento, doutos e illustres cada um em seu ramo de sciencia; porem que ignorancia sobre tudo quanto se refere a Deus!

Já veem nossos leitores que o retrato d'este homem é digno de figurar nas paginas do «Progresso Catholico».

II

As maiores alegrias de uma mãe christã

Para a joven mãe, que tem amor bastante aos filhinhos para os não entregar nos braços de bastardas mães, que á custa mesmo de sacrificios os quer amamentar antes que dar-lhe a beber leite estranho, que muitas vezes lhe vae envenenar a vida, não ha com certeza maiores alegrias, que as que lhe dão os momentos passados com os fructos do seu amor.

A mãe que cria os filhos, ama-os mais, esquece todos os prazeres mundanos, não se lembra de festas e ruidosos arraiaes, foge dos theatros, não tem visitas demoradas, porque só em casa encontra todas as alegrias, porque é em casa que ella tem os seus filhos.

Vede a nossa segunda gravura e diizei, leitores, se já vistes uma mãe em qualquer parte que não seja em casa, entre os filhos, com um semblante tão sympathico, com um rosto onde se espelham todos os prazeres, todas as alegrias, todos os gozos terrenos. Sentada, tem no regaço o mais pequeno dos filhinhos, a quem ensina a traçar as primeiras linhas, e a avó, toda ella amor e felicidade, está arroubada diante da innocencia alegre e descuidada, não se lembrando tambem de mais nada, porque o seu mundo está todo alli.

Terá d'estas alegrias a mãe que confia os filhinhos a mercenarios seios e anda do theatro para os passeios, dos passeios para as visitas, das visitas para parte alguma, com tanto que não vá para casa? Certo que não, porque só a mulher do christianismo é digna das alegrias do lar, dos gozos da familia.

A nossa gravura é copia d'um quadro de renomeado artista.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



Um outro assignante e amigo do *Progresso Catholico* foi chamado a melhor vida, deixando este vale de lagrimas. Poucos são os correios que nos não tragam uma noticia triste, o que não admira n'uma sociedade tão numerosa, como é a dos assignantes da nossa Revista.

O Rev.º Padre Alfredo Magno de Freitas Lobo e Bessa, de Penafiel, já não existe; era dos primeiros assignantes que se alistaram da nossa bandeira à sombra e por isso mais sentimos a sua morte, linitivando-nos o pezar a esperanza que temos de que estará sua alma no céu recebendo o premio do bem que na terra haja feito.

A todos os leitores pedimos uma prece suffragando a alma do fallecido sacerdote.

Finou-se tambem no dia 8 do corrente, no hospital de S. Francisco onde estava em tratamento, o Rev.º Padre Francisco Gomes Barreiros, prior dignissimo da freguezia de S. Torquato, onde tinha as sympathias de todos os seus parochianos, que elle bem merecia.

Ha pouco mais de um anno que estava em S. Torquato, e já era bem conhecido n'esta cidade pelos seus dotes oratorios. Era natural do alto Minho.

Como assignante e leitor que era da nossa Revista, não lhe faltarão as orações de todos os nossos bons amigos, as quaes pedimos por caridade como suffragio pela alma do bom sacerdote, e a sua familia damos sentidos peza-mes.

Aos nossos assignantes

Como dissemos no passado numero temos mandado circulars a todos os nossos bondosos assignantes que estão em divida de dois annos ou mais, lembrando-lhe a necessidade que por aqui ha de receber atrazados, sem o que era impossivel o caminhar. Felizmente e graças á nunca des-

mentida boa vontade dos leitores do *Progresso Catholico* já temos de agradecer a muitos e esperamos agradecer em breve aos restantes, que ainda são mais.

Aos que devem um anno apenas não mandamos circulares, mas pedimos-lhe por este meio o favor de o mandarem satisfazer, e sendo possível mandar também a importancia do 10.º anno.

Esperamos que antes de terminar o 9.º anno, havemos de dar um quadro já de alguma graça, isto é que apresente uma pequena cifra em divida.

Deus queira que assim seja.

Lembramos também a todos os assignantes que estão em divida de outras importancias estranhas a assignaturas do *Progresso Catholico*, que mandem também satisfazer seus debitos, e lembravamos também, que sempre que se nos peça algum livro seja o pedido acompanhado da sua importancia, para nos evitar trabalho de escripturação, busca quando mandam pagar, e até livrar-nos de algum esquecimento que sempre ha, e até evitar que algum ao morrer nos fique devendo, mesmo sem o querer.

Era uma cousa tão harmonica, tão bonita, que muito desejavamos ver em pratica.

Teixeira de Freitas.

RETROSPECTO DA QUINZENA

HAMOS hoje no primeiro lugar da nossa Revista a carta notabilissima escripta por S. Santidade Leão XIII ao seu secretario de estado Cardeal Rampolla. E' um documento de uma importancia allamenté pasmosa.

Annuncia-se desde já uma nova Encyclica do Santo Padre, que apparecerá no dia 8 de dezembro, e versará exclusivamente sobre as questões sociaes e economicas, que actualmente se agitam no mundo.

E' digna de archivar-se a seguinte noticia que um jornal pouco affecto ao Papa, dava ha dias:

«De Roma transmittem em telegramma de 4 que o imperador da Alemanha dirigira de Gastein a Leão XIII, a

proposito do seu jubileu, uma carta autografa em que, depois das felicitações do costume, faz a apologia da politica do papado. Fala da grandeza d'essa missão de paz, d'ordem e d'accordo; allude à politica pessoal de Leão XIII, e diz que, mercê aos esforços do papa e da Allemanha, a paz tem sido e será possível.

Commenta-se muito esta carta nos circulos diplomaticos prussianos, onde se creê que o imperador Guilherme é grande partidario da politica de conciliação do Vaticano. Também se diz que o papa, em resposta breve mas precisa, rejubila vendo renascer a paz religiosa na Allemanha e exprime a esperança de que o imperador favorecerá os interesses catholicos.»

Varios jornaes da Ilha Terceira tarjaram de gala no dia 21 de julho passado como homenagem ao Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Snr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, venerando Bispo dos Açores no seu 72.º anniversario natalicio. A *Fraternidade Artistica* publicava artigos biographaes de S. Ex.^a Rv.^{ma} e outras bibliographias dos seus trabalhos litterarios, e ornava a primeira pagina com o retrato do virtuoso Prelado.

Quando as homenagens são sinceras, quando o amor e a fé as dicta regosiamos e da melhor vontade nos associamos a ellas, e por isso hoje, abraçando os nossos irmãos da Terceira, curvamo-nos reverentes diante do vulto altamente illustre do Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Snr. Bispo da Diocese Angrense, beijamos-lhe com filial affecto o sagrado anel e bradamos:

Salvê dia 21 de julho!

Salvê, digno descendente dos Apostolos!

Salvê!

Temos em nosso poder uma Provisão do Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Snr. Bispo de Vizeu, D. José Dias de Carvalho, na qual previne os rvd.^{os} parochos de que, tencionando fazer a visita pastora! a todas as freguezias da Diocese, devem procurar preparar-se para a mesma visita e preparar os fieis para o Sacramento da Confirmação, instruindo-os sobre um ponto de tanta importancia. N'este documento revela S. Ex.^a Rv.^{ma} o amor que tem ás suas ovelhas, e o quanto deseja, na visita annunciada saber de tudo quanto diga respeito ao culto, aos bons costumes e ao estado das cousas religiosas, nas varias freguezias.

Do mesmo venerando Prelado recebemos um decreto no qual S. Ex.^a Rv.^{ma} determina a organização nos diversos arceprestados das circumscripções em

que devem realizar-se as conferencias moraes, que devem fazer-se, mostrando a vantagem das mesmas, determinando as questões que devem tratar-se, as obras que devem servir de consultores, etc., etc.

Muito agradecemos a S. Ex.^a Rv.^{ma} a posse d'estes dois documentos, que são uma prova do espirito altamente catholico que anima tão digno Pastor.

Não deixaremos nada de parte de tudo quanto os jornaes nos communicarem respeitante a Irmãs de Caridade, seja qual fôr a Ordem sob que se agremiem, seja qual fôr o titulo com que as designem, seja qual fôr o habito que as cubra. Serão sempre e todas nossas irmãs, quer as envolva o habito branco das dominicas, ou das Irmãs do Bom Pastor; quer ostentem as formosas vestes das filias de Thereza de Jesus, quer se escondam nas dobras do habito do Pobre da penitencia. Teem todas inimigos, é forçoso que tenham defensores, que tenham alguma voz na imprensa que proclame suas virtudes e seu saber. Orgulhamo-nos, nós, de estar d'este lado, de ser defensores de todas as Irmãs, de proclamar bem alto o que valem. Por isso, encontrando no nosso bondoso collega hespanhol *La Revista Popular* a seguinte noticia, a não calamos, e a offertamos a todos os nossos leitores, e até aos inimigos das Irmãs de Caridade.

Leiam, todos:

«As Irmãs dominicanas, que com tanto zelo como acerto dirigem uma escola de creanças, elemental e superior, acabam de celebrar seus exames brillantissimos, nos quaes suas tenras discipulas revelaram tão extraordinarios adiantamentos, tão espantosos em todos os ramos do saber, que as auctoridades, os paes das creanças, e o numero concurso de povo que assistia aos exames, romperam em calorosos applausos, em estrepitosas felicitações ás Irmãs professoras.»

Ao grosseiro insulto arremessado às faces das Irmãs de Caridade, respondem as ovações de um povo! Louvores a Deus, que a par das picadas dos nojentos insectos, picadas que nem as soltas dos sapatos offendem, dá ás boas Irmãs as homenagens e os plureneticos applausos das sociedades cultas! E' que ellas estão designadas pela Providencia para formar uma nova sociedade.

Inaugurou-se ha dias na Regoa o hospital de D. Luiz I, assistindo à cerimonia o Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Snr. Arcebispo de Larissa, que os regoenses receberam digna e imponentemente.

S. Ex.^a Rv.^{ma} benzeu o edificio e capella, celebrou missa, visitou o hospital, dirigindo a todos os doentes palavras de conforto e caridade, prometendo a sua protecção para aquella casa, e retirando-se satisféitissimo deixando a todos penhorados pela maneira affavel e altamente agradavel com que S. Ex.^a Rv.^{ma} a todos sabe tratar.

O jornal de Lamego, d'onde tiramos a noticia, conclue dizendo, que «os regoenses bendizem hoje a bella alma, excelsas virtudes e magnanimo coração do futuro Bispo de Lamego, a quem tributam os maiores respeito e sympathia.»

Como Deus ajuda a obra do Rv.^{mo} Padre Sebastião de Vasconcellos!

Um jornal do Porto, que não é de carolices, dava a seguinte noticia:

«*Officina de S. José*—Este simpatico instituto recebeu durante o mez findo as seguintes esmolras:

Anonima, com obrigação d'uma missa por alma de seu filho, 4\$500; Domingos João Nunes, 4\$500; rev. abbade d'Oliveira do Douro (Gaia), 2\$250; anonima A. A. F., suffragio da alma da sua irmã, 9\$000; conde das Alcaçovas (D. Luiz), 2\$000; em suffragio da alma do dr. José Maria Dias Vieira; 9\$000; Antonio Alves Ferreira Poiares, 30\$000; parochio de Santa Margarida de Louzada, dr. Ribas, 4\$500; D. M. J. P. S. e irmã D. V. P. S., 9\$000; S. d'A., 4\$500; paroco de Passos de Souza, 1\$000; superiora do Pensionato da Visitação de Santa Maria em Villar, 13\$500; em suffragio da alma do dr. João José de Lima e Costa, seus filhos e genro, 20\$000; anonimo em suffragio da esposa, 2\$000; anonima por intermedio do rev. Francisco José da Cunha, 18\$000; Eduardo Barbedo Pinto, 4\$500; D. Aurelina Ribeiro Caldas Guimarães, em suffragio da alma de sua mãe, com obrigação d'uma missa, 2\$250; um anonimo de Coimbra, por intermedio do rev. padre João Gama, 1\$000.

Dos snrs. Manuel V. de Andrade e Adolfo M. Alves Pimenta, 16 kilos de carne; d'uma anonima uma pequena porção de café, assucar e arroz, e uma peça de panno cru; d'outra anonima, 6 camisas, 1 collete, 3 pares de ceroulas e 14 pares de meias; do snr. commendador João Francisco de Moraes, 4 almudes de vinho; da Companhia Carril Americano, passagem gratuita para os banhos do mar a seis educandos da Officina durante 30 dias.

Durante o mez de julho, os internos da Officina, aproveitando-se do passe de linhas ferreas, que o governo lhes facultou, effectuaram algumas digressões, sendo excellentemente recebidos. A convite do rev. Alfredo Fraguet, director do collegio de Santa Qui-

teria, projectam ir ali brevemente, passar dois dias.

Parece que o director da Officina, o rev. Sebastião de Vasconcellos, vai tratar de a instalar n'uma nova casa, em terreno adjacente ao muro de Santa Clara, para o que já entrou em negociações com a camara.»

Isto sim, que são verdadeiros institutos de educação e caridade, porque são moldados nas leis da Igreja. Quem seria capaz, sem os soccorros da Religião, de realizar o que o Padre Sebastião de Vasconcellos tem feito?

Querem saber nossos leitores as numerosas peregrinações que chegaram e estão annunciadas para breve, a Lourdes? Vamos dizer-lh'o:

Em 2 d'agosto chegou a de Carcasona; a 9 a de Perpignan; era esperada uma de Orleans. A peregrinação dos enfermos, chamada nacional, devia chegar no dia 19 e seria composta de 9 trens, ou comboyos. Pela mesma occasião deveriam estar em Lourdes as peregrinações de Saint-Die, de Nancy, de Verdun, de Langres, de Metz e de Strasbourg.

Em fins de agosto devem chegar as de Marselha e outras partes do Meiodia da França. De 30 de agosto a 2 de setembro devem chegar as da Gironda, da Vendée, Millan, Bressuire e Limoges. De 2 a 9 devem chegar as de Angouleme, Vannes, Tours, Avignon, Lexes, Nantes e Liege (Belgica).

A 12 de setembro devem chegar as de Aubin, Décazeville, Ruam, Franco-Condado e Arsege.

Como se vê prepara-se toda a França e povos visinhos para trepar o monte santo onde por intervenção da SS. Virgem se operam as mais extraordinarias maravilhas.

Vamos tambem a Lourdes, leitores, ainda que em espirito, render homenagem à Rainha dos Anjos.

Talvez o Snr. Arcipreste d'este julgado não saiba que nós, quando faziamos parte da Commissão, podemos fazer que em Lisboa se organisasse uma commissão filial para promover donativos para o monumento ao grande Pio IX, e que d'essa commissão fazia parte o Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Snr. D. Antonio José de Freitas Honorato, então Arcebispo de Mytilene e hoje nosso bondosissimo Prelado.

E' possivel e natural até, que S. Ex.^a Rv.^{ma} na proxima visita que fará a esta cidade se não esqueça de saber noticias do monumento, e como o Snr. Arcipreste é o presidente da commissão promotora, de certo a S. Rv.^{ma} se dirigirá para saber algo, e todos nós dese-

jaremos então saber alguma cousa, depois do vergonhoso silencio de alguns annos acerca da idéa que mais enthusiasinou Portugal.

E' bom ir ministrando a nossos leitores noticias das missões estrangeiras no ultramar, para que não vá alguem, lendo o desplante com que pares e deputados guerream as ordeus religiosas, como meio de remedio para salvar nossos dominios, julgar que o mesmo se dá nas outras nações civilizadas.

Ora leiam:

«Ha poucos dias sahiram de Hespanha com destino ás Filipinas alguns jesuitas, com destino ás missões hespanholas; eram a mor parte catalães. Quinze dias antes havia sahido outra expedição de filhos da mesma ordem para a America, e preparava-se outra para sahir no dia 15 do corrente.»

Jesuitas! Olhem que os padres que a Hespanha mandou para as suas missões ultramarinas são jesuitas.

Tome nota snr. Joaquim do Conimbricense.

Com vista aos modernos escriptores de Portugal, imitadores de Zola, e aos paes de familia que deixam entrar em suas casas jornaes e livros contendo folhetins e romances Zolacios, e mesmo aos legisladores d'estes reinos, damos a seguinte noticia que encontramos ha dias n'um jornal:

«Oito jornaes da Russia, que tem publicado em folhetins romances de Zola, o immoral, foram por imperial ordem suspensos, em vista da mesa censora julgar escandalosos os ditos romances.»

Que vergonha para Portugal, onde se propagam e apregoam os infamissimos escriptos do porcalhão francez!

O municipio de Cervera, em Hespanha, cedeu o edificio da antiga universidade aos Padres da Congregação do Sagrado Coração de Maria, para estabelecerem n'elle a casa central e grande collegio da mesma congregação. Ja tomou posse d'elle com todas as formalidades legais o Rv.^{mo} Padre Malleras.

Os povos da Catalunha regosijam-se com terem uma casa de tanta utilidade e louvam a Deus por alli lhe ter mandado os Padres do Sagrado Coração de Maria, porque não só serão bons mestres mas não deixarão calir de todo o antigo edificio.

Era um exemplo bom a imitar pelos nossos governantes, para evitar o desaparelhamento dos grandiosos monumentos religiosos que ainda se conservam em pé. Mas... nós queremos cá frades!...